

METROPOLIA SÃO JOÃO BATISTA DO RITO UCRANIANO CATÓLICO

Pe. Mário Marinhuk, Osm

Histórico da Ucrânia.

A Ucrânia tem sua origem histórica muito antiga. Pesquisadores chegam ao ano de 3.000 (três mil) antes de Cristo. Não há propriamente dados bem precisos para a reconstrução de seu passado pré-histórico.

A palavra Ucrânia é formada por dois elementos eslavos: U - junto de e KRAI - extremidade, fronteira.

O termo Ucrânia significa etimologicamente região ou Estado Político situado no extremo oriente europeu ou numa zona fronteiriça.

No século IX, depois de Cristo, ao sul da atual Rússia, então inexistente, constitui-se o Grão Ducado de KÊIV ou RUSH. O documento que registra este nome é o mais antigo da vida estatal da Ucrânia. É o Tratado de Paz celebrado por Oleh, Príncipe de Kêiv, com o Império Bizantino em 911.

O príncipe de Kêiv, Askold, ao atacar Constantinopla, no ano 860, acaba rendendo-se ao suposto milagre da Virgem Mãe de Deus às portas desta cidade, o que impede o avanço dos seus soldados, por isso, ao retornar para a sua terra, dá início ao processo de cristianização do seu Estado favorecendo a entrada do Cristianismo na Rush-Ucrânia, qual posteriormente foi também protagonizado pela princesa Olga, que em 955, traz inúmeros missionários bizantino-eslavos para esse território, convertendo o seu povo para a nova religião.

O monarca São Valdomiro, neto de Olga, converteu-se ao Cristianismo em 988, tornando-se Kêiv, às margens do rio Dnieper (Dnipro) o berço e o centro da religião católica de todo Oriente Europeu.

Os pesquisadores da história antiga da Ucrânia são unânimes em afirmar que o cristianismo tirou o Estado de Kêiv do esquecimento e da condição de Província insignificante e o colocou entre as nações mais civilizadas.

O Estado de Kêiv já era livre e soberano, mas com o cristianismo, ele veio a participar da cultura greco-romana e a se evidenciar entre as grandes nações.

O Estado de Kêiv passou a herdar as autênticas tradições teológicas, litúrgicas, ascéticas e marianas vindas de Bizâncio, Constantinopla, formando o rito ucraniano unido ao Papa. Infelizmente durou pouco tempo, porque, a 16 de julho de 1054, ocorreu o lamentável cisma, dando origem à Igreja Ortodoxa existente até hoje, na Ucrânia, Rússia, Grécia e outros países.

O Grão Ducado de KÊIV ou RUSH desempenhou um importante papel político-cultural no Leste Europeu, até o século XII, com a cultura recebida de Bizâncio, protegendo a Europa contra as invasões de bárbaros tártaros e mongóis.

A partir do século XII, teve que lutar e proteger a região oriental da dominação moscovita e a região ocidental das pretensões polonesas, sendo obrigada a transferência da sede de Lviv, Galícia. Depois de tantas lutas, no século XVI, a Rush (Ucrânia) foi anexada à Polônia. Mesmo assim resistiram até 1709, quando foi derrotada na batalha de Poltava. A Ucrânia Oriental foi incorporada à Rússia e a Ocidental à Áustria.

O surgimento da Igreja greco-católica ucraniana

A Igreja greco-católica ucraniana surgiu após um acordo eclesiástico feito em sínodo na cidade de Brest-Litovsk, restabelecendo a comunhão de uma parte da Igreja

ortodoxa ucraniana com a Igreja de Roma. Essa união foi precedida de agitadas tratativas até o dia em que a hierarquia da Igreja de Rush (Ucrânia) da Metrópolia de Kêiv e da Galícia, representada pelos bispos Hypatii Potij e Kerelo Terlets kij, se deslocaram para Roma, e ali os dois fizeram a apresentação dos 33 artigos da União, organizados em um sínodo na cidade de Torchyn (Ucrânia), entre os anos 1594-1595. Feita a declaração de fé pelos dois bispos diante do Papa e de inúmeros cardeais, os artigos foram aceitos pela Cúria romana. Esse acontecimento provocou a ruptura das relações com o Patriarca de Constantinopla. O que no começo prosperou, com o passar dos tempos foi perdendo muito do seu apoio inicial, principalmente devido às perseguições do Império Russo. O acordo permitia à Igreja greco-católica ucraniana permanecer fiel a todos os ritos e às normas da Igreja anterior (liturgia, direito canônico etc.), porém, reconhecendo a supremacia do papa sobre a sua Igreja.

A importante União foi realizada com a colaboração inicial do magnata e príncipe ucraniano Constantino Ostrovskij, de comum acordo com o rei Sigismundo III (1566-1632) da Polônia, e professada pelos hierarcas Hypatii Potyj e Kerelo Terlets kij da Igreja da Rush (Ucrânia) e reconhecida pelo Papa Clemente VIII (1536-1605) no dia 23 de dezembro de 1595 através da Constituição Apostólica *Magnus Dominus et laudabilis nimis*, selada também pelo pontífice de Roma aos 23 de fevereiro de 1596, com a bula *Decet Romanum Pontificem* e solenemente proclamada no Sínodo em Brest, na Lituânia, no dia 16 de outubro de 1596.

A Igreja greco-católica ucraniana passa a ser uma instituição *sui iuris*, nascida com a precisa finalidade de fortalecer os elos de união entre o Oriente e o Ocidente cristão. Todavia, conforme mostra a sua história, se viu forçada a vivenciar uma realidade cheia de lutas, contradições e resistências na tentativa de assegurar a fidelidade à fé católica. No confronto diário das provações e privações, vieram as derrotas e, em consequência, o drama do declínio.

A Igreja greco-católica ucraniana passou a ser o principal alvo das perseguições dos governos russos, que se utilizaram das forças e da influência do Patriarcado de Moscou para atingir seus ideais. A meta principal era difundir a fé ortodoxa em toda aquela região, assim facilitaria o domínio moscovita. Na busca da concretização desse ideal, foram ao ataque contra a Igreja greco-católica ucraniana, forçando a incorporação dos seus fiéis à Igreja do Estado, isto é, à Igreja ortodoxa russa e, conseqüentemente, ao controle do império.

Uma das primeiras vítimas ucranianas, conseqüente da truculenta política russa, foi o arcebispo de Polotsk, Josafat Kuncewicz, o qual numa visita pastoral feita à Vitebsk, ao 12 de novembro de 1623, foi surpreendido por um grupo de ortodoxos que brutalmente o assassinaram com um golpe de machado. Essa e tantas perseguições e mortes de bispos, sacerdotes e fiéis greco-católicos, foram causadas pelo terrível antagonismo do governo moscovita, que gradualmente tratou de sufocar todo e qualquer movimento favorável à união com a Sé Apostólica.

Personagens de extrema intransigência, como o czar Pedro I, foram permitindo a odiosidade do povo russo em relação ao clero greco-católico ucraniano, tornando cada vez mais dramática a situação dos seus fiéis, proporcionando à nação rutena (ucraniana), o testemunho sanguinoso de muitos martírios, afirmando desse modo ao mundo o quanto amavam defender a sua catolicidade.

Todas estas pretensões levaram ao surgimento de outros personagens inapagáveis da história da Igreja greco-católica ucraniana. Foram pessoas que não mediram conseqüências na aplicação de brutais formas de perseguição, opressão e assassinatos, levando ao máximo declínio dessa entidade. Do império russo, é importante lembrar a imperatriz Catarina II (1729-1796) e, posteriormente, o czar

Nicolau I (1796-1855). E do Império Austro-húngaro, temos a imperatriz Maria Tereza (1717-1780) e, posteriormente, seu filho, o imperador José II (1741-1790). Esses compõem o grupo dos governos ditatoriais e déspotas esclarecidos que buscavam, através de duras leis e decretos, oprimir, sufocar e aniquilar qualquer instituição que impedisse a conquista dos seus ideais, ou seja, atingir, sem nenhuma tolerância, o poder absoluto sobre o território da Ucrânia. Para atingir seus objetivos, buscaram a todo custo, a absorção da Igreja ao seu governo, obstruindo a proliferação de qualquer instituição que se opusesse ao seu controle.

A história nos apresenta claramente a razão maior da existência da Igreja greco-católica ucraniana, a qual enfrentou e superou momentos bastante delicados, partilhando das chagas da perseguição, opressão e grandes martírios, mas sempre contando com a certeza asseguradora de sua fidelidade. Com o passar do tempo, essa Igreja pôde novamente ostentar uma história de vitalidade e de reflorescimento, tendo dado novos frutos não só nas terras ucranianas, como também nos vários territórios de missão, onde ela, a partir do final do século XIX, marcou a sua ativa e permanente presença.

Migração Ucraniana

O ano 1895 marca a data da vinda em massa dos primeiros imigrantes ucranianos para a região de Mallet, especificamente Rio Claro, Dorizon, Serra do Tigre e outras colônias circunvizinhas, onde num curto período de tempo se estabeleceram mais de mil famílias recém-chegadas da Ucrânia. Não é seguro que essa data marque exatamente a presença dos primeiros imigrantes ucranianos na região, pois há relatos da existência do povo ucraniano espalhado nas terras brasileiras antes dessa data. Segundo narrações do padre Rafael Krynytzkyi, em várias regiões do Brasil desde 1872, foram se estabelecendo algumas famílias ou pequenos grupos de imigrantes ucranianos (Imigração Ucraniana no Brasil, Calendário Prácia, 1921, pág. 70).

Os imigrantes ucranianos estabelecidos na região de Mallet, assim como outros imigrantes espalhados no território brasileiro sentiram a necessidade de uma vida religiosa mais profunda, isto é, a carência da própria Igreja, de seus ritos, de padres que celebrassem longas Divinas Liturgias numa língua a eles fácil e compreensível.

Ainda em 1895, líderes (Teodoro Pototzkij, Gregório Kulhtchenskyi e Gregório Montchak) de Rio Claro e Mallet escreveram ao cardeal Silvestre Symbratovyth, Arcebispo de Lviv, pedindo sacerdotes. O mesmo fizeram em 1896 os imigrantes de Prudentópolis em 1910 os de Dorizon ao novo metropolitano André Cheptytskyi.

Foram atendidos, pois em abril de 1896, chegou o primeiro padre diocesano João Voliansky e em junho o Pe. Nicolau Michalevitch e em julho o Padre Nicon Rosdolsky (Cf. O Milênio do Cristianismo da Ucrânia, Dom Efraim Krevey, pág. 77).

No livro “Centelha de Luz” do Padre Valdemiro Haneiko, na pág. 55, dá outra ordem, dizendo que o primeiro missionário ucraniano foi o Padre Nicolau Michalevitch, em fins de junho de 1896, o segundo foi o Padre Nicon Rozdolsky, em julho de 1896 e o terceiro Padre João Voliansky veio em novembro de 1896 e não em abril, como Delegado do Governo para verificar a situação e as condições de vida dos migrantes ucranianos e fazer relatório à autoridade governamental de Lviv. Percorreu durante sete meses os locais, conhecendo os problemas, as dificuldades, a miséria, o abandono total por parte das autoridades, sem recursos materiais, estradas e escolas, enfim sem nada. Conseguiu, antes de regressar à Ucrânia, a jurisdição do Padre Nicon Rosdolsky, já viúvo.

Observando o período inicial da vida pastoral dos sacerdotes diocesanos no Brasil, pode-se compreender o comprometimento e a dedicação dos mesmos em prestar

o melhor atendimento aos imigrantes na vasta região do sul do Paraná. Sem nenhum conforto, andando a pé ou viajando a cavalo, enfrentaram longas distâncias, sempre empenhados em prestar a merecida assistência aos fiéis. Com a ajuda dos missionários basilianos, das pessoas mais influentes dentre os imigrantes e posteriormente das Irmãs religiosas e Catequistas do Sagrado Coração de Jesus, ambas as instituições de rito greco-católico ucraniano, foram criando associações, cooperativas, centros culturais e recreativos na intenção de melhorar a vida dos imigrantes e seus descendentes, unindo-os sempre em torno à Igreja. Testemunha-se que em vários lugares os sacerdotes diocesanos chegaram a ceder suas próprias habitações para possibilitar o ensino escolar ou catequético, tão importante para os jovens e crianças ucranianas.

Ao perceber a grande tensão que se criava com o clero latino em relação à vinda de clérigos casados, os imigrantes, ansiosos por viver a sua religiosidade e pretendendo rezar no seu próprio rito, começaram a se mobilizar na busca de sacerdotes celibatários. Dentre os imigrantes de Prudentópolis encontravam-se alguns líderes (João Degan, Gregório Hladkei e Basílio Voitovitz), cientes de toda a burocracia da Igreja, começaram a sistematizar uma solicitação ao metropolitano Silvestre Sembratovitz da Igreja greco-católica da Ucrânia, pedindo mais sacerdotes para o Brasil. Escreveram uma carta convite, reunindo outras setenta assinaturas. E em 25 de janeiro de 1897, enviaram a carta à Ucrânia. Para convencer o povo da possibilidade da vinda de sacerdotes, João Degan se lembrava do conselho de seu pároco na Ucrânia, padre Omelano Zastejetia, que na saída da terra natal, dizia: “Viajem para as tão distantes terras, ninguém sabe como será lá e se vocês terão o seu sacerdote ou não. Se não o tiverem, lembrem-se das palavras de Cristo: ‘Peçam e vos será dado’. Peçam, pois, sacerdotes próprios. Escrevam à Sua Excelência o arcebispo Silvestre Sembratovitz; eu lhes dou o seu endereço. Caso não tenham sacerdotes, façam o pedido, e assim o receberão, porque as ovelhas sem pastor se dispersarão”.

Na carta ele afirmava não terem condições de aguardar a situação melhorar, pois a libertinagem entre os imigrantes estava se alastrando cada vez mais, sendo que a presença de sacerdotes era profundamente indispensável. Caso contrário, o povo iria irremediavelmente se dispersar em meio às matas, abandonando a religiosidade, o rito e a Igreja. Não podiam esperar a situação econômica melhorar para depois pensar num possível atendimento espiritual vindo da Ucrânia. Segundo Degan, o povo se encontrava sem nenhuma organização, sem lugar de culto religioso, sem sacramentos. Estavam gradualmente decaindo, tanto espiritualmente quanto moralmente em meio às selvas brasileiras, tornavam irreconhecíveis; estavam perdidos como ovelhas sem pastor. Sem muita demora, o pedido foi aceito, assim que chega ao Brasil o primeiro missionário da Ordem de São Basílio Magno, o padre Silvestre Kizema. Saiu de Lviv no dia 11 de maio de 1897 e chegou ao Brasil, no mês seguinte. Em 21 de junho já estava em Curitiba, onde permaneceu durante nove dias confessando os fiéis, desde a madrugada até altas horas da noite. Entre lágrimas e risos de alegria o povo acorria de toda a região na busca de confissão e conselhos do “seu” próprio padre.

Não durou muito tempo para que o missionário percebesse que havia necessidade de, ao menos parcialmente, expandir as missões em todas as regiões onde se encontrava o povo ucraniano. Naquele preciso momento, porém, as condições de trabalho não favoreciam o cumprimento de tal objetivo, reduzindo-o apenas à região de Prudentópolis. Outras regiões paranaenses onde se encontravam dispersos os imigrantes careciam de estradas e os meios de transporte eram muito precários.

Estando seguro da sua permanência, padre Kizema escreve para as autoridades eclesiais ucranianas informando do acontecimento e continua solicitando outros sacerdotes para o auxílio nas missões.

Não demorou muito para a chegada do padre Antonio Martiniuk, o qual veio acompanhado do Irmão (frade) basiliano Sofronio Horostchuk. Com o aumento da força missionária, aumentara ainda mais a esperança na posteridade dessa Igreja em terras brasileiras.

Ao prestar os primeiros socorros espirituais aos imigrantes de Prudentópolis, padre Kizema e Martiniuk trataram de organizar alguns importantes centros religiosos e culturais, fundaram escolas, criaram associações e irmandades, abrandaram a sede espiritual dos fiéis, confiaram algumas funções a pessoas mais destacadas e cuidadosas, dando-lhes o ofício de *reunetelh* (zeladores). Esses preparavam encontros semanais do Apostolado da Oração, que levavam o povo a rezar, faziam leitura em voz alta de livros e revistas espirituais, devido ao fato de muitos imigrantes serem analfabetos. Os padres também exortavam os zeladores a ler e a refletir com a comunidade sobre a temática mensal do Apostolado da Oração e a aproveitar também desses encontros para tratar de assuntos concretos que tocavam a vida das pessoas e da construção de igrejas, escolas e moradias para os sacerdotes.

Legislação Canônica com os sacerdotes orientais no Brasil.

A Igreja greco-católica ucraniana deveria fazer-se presente para ocupar-se com o resgate espiritual e assumir algumas funções intermediárias junto ao seu povo. É através dos primeiros missionários que deveria ocorrer a comunicação tanto com o país de origem, quanto com o governo local. É sob o peso das mais variadas adversidades que os sacerdotes deveriam percorrer as mais distantes colônias para resolver os mais variados problemas envolvendo os imigrantes.

Para dificultar o trabalho missionário, no Brasil, os Bispos decidiram que os sacerdotes orientais casados só podiam exercer o ministério junto aos orientais em seus núcleos isolados.

Assim aconteceu com o Padre Nicolau Michalevitch, vindo com a esposa, sendo considerado o primeiro ucraniano a marcar presença no Brasil. O Bispo só lhe deu uso de ordens nos núcleos de Prudentópolis, Rio Claro e Curitiba, só para os ucranianos. Diante disto voltou para a Europa.

O Padre Valdomiro Haneiko em seu livro escreve: “Parece estranho esse medo e zelo esquisito dos latinos em relação aos sacerdotes do rito ucraniano. É uma demonstração de ignorância dos padres do rito latino de então com a realidade da existência de muitos ritos na Igreja, todos reconhecidos e protegidos pelos quais a Igreja sempre teve igual consideração, pois cumprem uma missão igual à dos latinos. Os padres de ritos orientais não são menos padres que os de rito latino”(Uma Centelha de Luz, Pe. Valdomiro Haneiko, pág. 55).

Embora as relações entre as pessoas pertencentes aos dois ritos distintos fosse bastante linear em uma convivência fraterna, uma vez que os membros da mesma família poderiam aderir a diversas confissões, alguns padres latinos pretendiam prestar eles mesmos o atendimento pastoral aos ucranianos, inicialmente privados de sacerdotes, assimilando-os assim ao rito romano católico. Tudo isso criava confusão e mal entendidos entre o clero pertencente aos dois ritos (Cf. Il Metropolita Andrea Szeptyckyj nel sua incarico di Visitatore Apostólico [1920-1923], Augustyn Babiak, pág. 93).

Numa das cartas escritas por um dos imigrantes de Mallet, Teodoro Pototskyi para a Ucrânia, nela dizia que “o bispo não é muito a favor dos ucranianos. Ele sofre uma influência muito grande dos padres poloneses. Não simpatiza com o nosso padre... Mas não é apenas o padre que faz a Igreja e sim todos os fiéis que a formam, por isto

não pode dizer nada, nós precisamos tanto da Igreja como do sacerdote. Temos a escola, a sala de leitura, o campanário, as associações junto à Igreja. Vivemos muito bem com aquilo que temos. Muitos dos poloneses estão se achegando até nós, porque eles não têm o próprio sacerdote, este foi morar em Curitiba. Enquanto o bispo não nos via com bons olhos, nós construimos a nossa Igreja: no quinto domingo da quaresma (1897) tivemos a sagração da Igreja” (Paróquia Sagrado Coração de Jesus. Centenário 1906-2006, Daniel Koslinski – Sidnei Muran, pág. 12).

Grandes conquistas dos primeiros padres diocesanos no Brasil.

A vinda do padre Nicon Rozdolsky para a colônia Rio Claro abriu uma nova página na história da imigração ucraniana no Brasil. Ao chegar na Colônia Cinco, no município de Mallet, e, com a ajuda de alguns ativos colonos, iniciou a organização da vida religiosa e cultural dos imigrantes ucranianos, conduzindo a construção do centro eclesial, da residência sacerdotal e a primeira escola ucraniana no Brasil, tendo no início 40 alunos, sendo ele mesmo o primeiro professor, lecionando religião, português, ucraniano e matemática. Era escola modelo pelo ensino e organização, imitando-a outras que se fundaram. Inclusive foi catequista dos jovens e crianças daquela região. Prestou também assistência ao povo na organização de suas propriedades, servindo de intermediador entre os imigrantes, comerciantes e entidades governamentais da região. Ali em pouco tempo foi construída a primeira igreja ucraniana, a qual durante a Divina Liturgia, no domingo, dia 11 de abril de 1897, foi abençoada pelo padre Nicon Rozdolsky.

Pe. Nicon nasceu da Ucrânia, em 1866, ordenando-se em 1895. Veio para o Brasil em Julho de 1896. Era sacerdote ucraniano diocesano viúvo, era dinâmico, enérgico, idealizador de grande visão.

A 25 de julho de 1897, realizou uma grande assembleia, quando fundou a primeira associação sócio-cultural ucraniana no Brasil.

A partir destes feitos, a Colônia Cinco tornou-se o referencial religioso e cultural para os mais de cinco mil imigrantes ucranianos instalados na região de Mallet.

Em 1903, foi transferido para a Serra do Tigre, onde construiu a igreja mais bonita do estilo ucraniano, conservada até hoje. Dali ele prestava atendimento espiritual na colônia Linha 3 e Dorizon. Depois de uma vida toda sacrificada, com seu exemplo edificando o povo, ensinando catecismo, orientando os jovens, ensaiando cantos litúrgicos e do folclore ucraniano, morreu em novembro de 1906, com apenas 40 anos.

Padre Pedro Protskiv

Um dos inesquecíveis vultos pela luta em prol do imigrante ucraniano no Brasil foi o padre Pedro Protskiv, sacerdote bastante ativo, verdadeiro missionário, batalhador pela justiça em favor dos seus compatriotas, da sua Igreja e da cultura ucraniana, o que o levou às mais diversas humilhações, perseguições e inclusive à prisão por defender a causa do seu povo. Após um período de cárcere, foi liberado e obrigado a se apresentar diariamente à polícia, o que custou graves consequências à sua saúde.

Nascido na Ucrânia em 1886, formado na Universidade Gregoriana de Roma, chegou ao Brasil em 1911. Foi designado primeiro pároco de Mallet. Viajava a cavalo, de dia e noite, com sol, chuva, enfrentando tempestades, atravessando matas espessas, exposto a perder a vida.

Aos domingos não celebrava missa até que não tivesse confessado todos, iniciando-a muitas vezes ao meio dia, terminando às 14 horas. Foi preso por denúncias

caluniosas e falsas por ocasião do Movimento Nacionalista Brasileiro, sendo remetido e obrigado a comparecer todos os dias à Delegacia para dizer apenas: “aqui estou”, submetido a esses vexames injustos, sem nenhuma culpabilidade.

Com profundo abalo moral e com grande depressão nervosa, um dia, ao chegar à estação férrea de Dorizon para viajar, depois de uma noite em claro, teve um colapso cardíaco, vindo a morrer, a 03 de janeiro de 1941, com 55 anos de idade. Seu sepultamento foi uma apoteose, pois tal era a estima e veneração do povo.

Padre Emiliano Ananevich

Nascido na Ucrânia em 1886, ordenado, a 11 de novembro de 1911, foi o primeiro sacerdote celibatário que se ofereceu para vir para o Brasil. Exerceu primeiramente seu ministério na Argentina. Em 1917, chegou ao Brasil, fixou-se em Mallet com o Padre Pedro Protskiv, atendendo também Dorizon, Fluviópolis, Paulo Frontin, Cruz Machado, Vera Guarani e Carazinho.

Padre Emiliano Ananevytch foi um exemplo merecedor de ser acentuado quanto à dedicação em prol da formação cultural e religiosa dos imigrantes. Esse grande missionário, mesmo dedicado a inúmeros trabalhos pastorais, conseguia encontrar tempo para escrever profundos e apreciados artigos, publicados nos jornais da época, sobre a vida do povo e a situação da Igreja ucraniana. Sua maior preocupação era elevar o nível cultural e religioso dos imigrantes. Tal determinação o levou a criar mais de vinte escolas nos lugares onde prestava auxílio espiritual. Também preocupou-se pela vinda das irmãs Servas de Maria Imaculada para prestar a devida formação escolar e catequético-espiritual para o povo de Mallet. O maior feito desse humilde, mas exímio batalhador foi a fundação, em 1932, da Congregação das Irmãs Catequistas da Terceira Ordem de São Francisco de Assis, atualmente Irmãs Catequistas de Sant'Ana, em vista de dar continuidade aos serviços pastorais na região.

O Padre Emiliano trabalhou muito pelas vocações sacerdotais, mandando para o seminário os três primeiros padres ucranianos: Monsenhor Clemente Preima, 1º Vigário Geral, Monsenhor Pedro Busko, 2º Vigário Geral, Monsenhor Valdomiro Haneiko, 3º Vigário Geral, e, muitos jovens para os Irmãos Maristas, destacando-se os Irmãos Albano Luiz Cordun, Paulo Vodonos, Demétrio Koczki, e outros, assim como muitas jovens para as Irmãs de São José de Chambery.

Escreveu muitos artigos no jornal ucraniano “Prácia”, defendendo a Igreja e os sacerdotes contra o escritor Pedro Karmanski que atacava a Igreja e o clero, fomentando a odiosidade do povo contra os padres e a Igreja católica ucraniana.

Em 1939, foi para os Estados Unidos, fez-se franciscano e fundou o ramo franciscano ucraniano. Morreu, a 03 de maio de 1964, com 78 anos de idade.

A criação da Diocese latina de Ponta Grossa.

Com a criação da diocese latina de Ponta Grossa, ao 10 de maio de 1926 e a posse do seu primeiro bispo, Dom Antonio Mazzarotto, no dia 03 de Maio de 1930, a Igreja ucraniana deixou de depender juridicamente do bispo de Curitiba, Dom João Francisco Braga, e passou à jurisdição do bispo da nova diocese. Dom Antonio Mazzarotto se destacou no meio do povo ucraniano como um personagem de elevadas qualidades e favorecimento ao progresso dessa Igreja. Tornou-se um zeloso apóstolo e pastor, compreensivo nas questões orientais, zeloso de seus sacerdotes, religiosas, catequistas e, de modo todo particular, dedicou muita atenção aos fiéis ucranianos, incentivando-os à criação de associações laicais dentro da Igreja.

Possuidor de profundo conhecimento das Igrejas orientais, sem muita hesitação, Dom Antonio criou as três primeiras paróquias ucranianas (Prudentópolis, Mallet e Ivaí), as quais até então levavam o título de “Curatos” (derivado de cura, usado para designar centros religiosos com possibilidade de se tornar paróquia) ruthenos (ucranianos). Também facilitou a criação de seminários, paróquias, capelas, escolas e associações, movimentos eclesiais na Igreja greco-católica ucraniana.

As amistosas relações dos padres ucranianos com Dom Antonio Mazzarotto se revelam no convite feito por ele ao sacerdote diocesano Valdomiro Haneiko para atender os fiéis ucranianos de Ponta Grossa e lecionar no Colégio São José, criado pelo Bispo. Contente com os serviços do padre Haneiko, acabou transferindo-o para a cidade de Castro com o fim de dirigir o Colégio Diocesano de Santa Cruz, onde permaneceu por sete anos. Durante a sua estadia em Ponta Grossa e Castro, padre Haneiko, aproveitou a ocasião para possibilitar o estudo de 5 jovens ucranianas no Colégio São José, que se tornariam as primeiras consagradas do Instituto das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus de Prudentópolis. Também favoreceu a aquisição da atual residência das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus em Ponta Grossa.

Após o convívio e a atuação junto ao bispo de Ponta Grossa, padre Haneiko relata que Dom Antonio Mazzarotto “foi um Pastor zeloso, cômico de suas atribuições, e os ucranianos sempre o estimaram e respeitaram. Podemos afirmar que foi amigo de seus fiéis ucraniano-católicos” (Uma Centelha de Luz, Pe. Valdomiro Haneiko, pág. 70).

A Diocese de Ponta Grossa abrangia um imenso território, onde habitava a maioria dos fiéis ucranianos. Na chegada do Visitador Apostólico, em 1939, bispo auxiliar da metrópole de Lviv, Dom João Butchko, na casa dos Padres do Verbo Divino, em Guarapuava, Paraná, foi realizada uma importante reunião com o Bispo Dom Antonio Mazzarotto. Foram três horas de conversa sobre as mais importantes questões referentes à situação da Igreja ucraniana na diocese.

Dentre tantas manifestações a favor da Igreja ucraniana, no seu discurso de fundação da Paróquia ucraniana de Ponta Grossa, no dia 10 de fevereiro de 1952, em poucas palavras, Dom Antonio resume o seu pensamento sobre a importância da Igreja ucraniana e o seu rito específico na sua diocese. Ele afirma que “A Igreja, mesmo possuindo vários ritos, ela não é latina e nem grega ou eslava, mas a Igreja é de Cristo, portanto Universal. Todos esses ritos são católicos e segundo os desejos da Igreja, cada um deve preservar o seu rito. Por isso, os ucranianos, mesmo dispersos pela cidade, tendo nas proximidades igrejas do rito latino, deveriam manter-se unidos à sua Igreja, como crianças às suas mães” (Nova Paróquia em Ponta Grossa, Josafat Roga, Prácia 9, 1952 pág. 2).

Seminário Menor de Prudentópolis

É impensável fazer um estudo sobre a presença da Igreja greco-católica ucraniana em terras brasileiras sem fazer referência ao imprescindível contributo dado pelo Seminário São José de Prudentópolis, pertencente à Ordem de São Basílio Magno. Foi dessa instituição que saíram quatro bispos e inúmeros sacerdotes, destemidos promotores da Igreja ucraniana dentro e fora do país. O seminário tornou-se “berço” da formação de sacerdotes basilianos, que deram sua contribuição na identificação e demarcação do espaço ritual no Brasil. Passaram pelo seminário São José também aqueles que partiram para os Estados Unidos, Canadá, Roma, Argentina, Portugal, Inglaterra e recentemente para a Ucrânia, onde corajosamente colaboraram no

soerguimento daquela população da ruína espiritual ocasionada pelo regime ateu que assolou durante décadas aquele país.

A história do Seminário começou com uma reunião entre os dias 22 e 26 de junho de 1934, quando o Provincial brasileiro Marciano Schkirpan com seus conselheiros, já contando com a aprovação do Bispo de Ponta Grossa, Dom Antonio Mazzarotto, decidiram que o empreendimento não podia ser adiado por mais tempo. Assim, no início de 1935 foi criado o chamado “juvenato”, isto é, o Seminário São José, em Prudentópolis. A decisão foi tomada e aprovada, porém não havia espaço para comportar o número de candidatos que se apresentavam e para dar início aos estudos. Mesmo assim, o Provincial persistiu na abertura do juvenato, pois, o padre Josafat Roga, secretário provincial, havia retornado dos estudos, feitos na Ucrânia e Roma, e lhe assegurou que não iria permitir a falência da obra.

Padre Josafat foi, então, imediatamente, designado para encabeçar a fundação do Seminário. Sabe-se que ele já se havia preparado para tal empreendimento durante os onze anos de estudos na Europa. Nesse período ele buscou observar atentamente as casas de formação seminarística, voltando cheio de entusiasmo e sabendo quais os procedimentos a serem tomados. A maior dificuldade que ele enfrentou foi justamente a insuficiência de habitação adequada para abrigar confortavelmente os seminaristas. Não querendo perder muito tempo, optou pelo aproveitamento de uma casa desocupada, que anteriormente serviu de residência para as Irmãs Servas de Maria Imaculada. Tratou-se logo de fazer as devidas adaptações na casa que seria o primeiro Seminário e começou a anunciá-las igrejas e capelas a abertura do juvenato (internato) e acolher alunos. Sem muitas cerimônias, no dia 4 de junho de 1935, deu-se a inauguração do importante empreendimento.

No Seminário lecionaram sacerdotes, Irmãs Servas de Maria Imaculada, Catequistas do Sagrado Coração de Jesus e também professores leigos, grandes educadores que durante décadas se dedicaram ao preparo de novos sacerdotes. Foram formados milhares de jovens e adolescentes, mas apenas 5% permaneceu na Ordem basiliana. Todavia, não é de se lamentar essa grande porcentagem de desistências. Os responsáveis desse estabelecimento de ensino sempre cultivaram a ideia de que o Seminário não se restringia somente à formação de sacerdotes, mas devia servir para a elevação cultural dos jovens ucranianos. Sem discriminação, a todos era dada a oportunidade de crescimento, respeitando a opção que posteriormente poderiam fazer. Por isso o Seminário São José foi considerado como um centro de orientação vocacional, transformando e abrindo novas perspectivas para milhares de jovens.

Terminados os estudos no Seminário, muitos alunos optaram por outras áreas de trabalho. Formaram-se profissionais altamente qualificados, porém ligados à sua Igreja, conservando seu rito e religiosidade. Foram promotores de novos centros religiosos, atuaram na administração das paróquias, nas associações eclesiais e equipes litúrgicas. Muitos daqueles que estudaram no Seminário ou fizeram a experiência de vida religiosa retornaram para as suas localidades e lá ajudaram a organizar centros religiosos e recreativos, tornando-se grandes dirigentes comunitários, e alguns deles se tornaram exemplares líderes políticos. Todos eles permaneceram gratos pela formação religiosa e cultural recebida no Seminário.

Ordinariato para os Ritos Orientais.

A 14 de novembro de 1951, com o decreto *Cum Fidelium* o Papa Pio XII criou o Ordinariato para os Ritos Orientais no Brasil. Para essa preeminente função, o papa Pio XII nomeou o Cardeal Jaime de Barros Câmara – Arcebispo Metropolitano de São

Sebastião do Rio de Janeiro, concedendo-lhe a faculdade de constituir um ou mais Vigários Gerais. Para o Rito Ucrâniano nomeou Vigário Geral Monsenhor Clemente Preima.

O Cardeal Câmara levou a sério sua nomeação, visitando as paróquias ucranianas até então fundadas do Paraná e Santa Catarina, também visitou e confortou espiritualmente as Irmãs Servas de Maria Imaculada, Irmãs Catequistas de Sant'Ana e o instituto das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus, pregando-lhes Retiros Espirituais e proferindo palestras.

Um dos grandes responsáveis por essa conquista foi, sem dúvida, o metropolitano Andrei Scheptetskyi, que desde a sua Visita Apostólica em 1922, insistia na constituição de uma hierarquia própria para os fiéis orientais no Brasil, mais especificamente, aos greco-católicos ucranianos. Também as visitas dos bispos, Constantino Bohatchevskyi (1930) e João Butchko (1939), tiveram seu significado, tornando-se as molas propulsoras que motivaram a Sé Apostólica a buscar a instituição do Ordinariato dos Ritos Orientais no Brasil, sendo esse, o primeiro passo para a hierarquização da Igreja ucraniana.

A criação deste importante órgão se deu por causa do crescimento gradual dos fiéis das Igrejas orientais (maronitas, greco-melquitas, ucranianos, russos, romanos, sírios, coptas e armênios) em terras brasileiras, a já bastante avançada estruturação das instituições religiosas pertencentes a essas Igrejas e a necessidade de um governo para representá-las diante da Sé Apostólica. A conservação ritual, a estabilidade das Igrejas e a formação dos fiéis orientais foram priorizadas pelo Papa Pio XII na hora de agir em favor dessas Igrejas no território brasileiro. O supracitado decreto "Cum Fidelium", emitido pelo Papa, sob os cuidados do Secretário da Congregação para as Igrejas Orientais, Cardeal Eugênio Tisserant, demonstra claramente a indispensabilidade da criação desse órgão, o qual a partir de então, deveria permitir a asseguuração da unidade da Igreja Católica e maior respeito dos fiéis latinos em relação à presença e ao cultivo espiritual dos fiéis orientais no Brasil.

Durante os vinte anos de Ordinariato, Dom Jaime de Barros Câmara, auxiliado pelo Vigário Geral, padre Clemente Preima e pelas instâncias superiores, demonstrou o seu cuidado paternal para com os ucranianos no Brasil. Esta atitude do Cardeal se revela principalmente nas suas visitas canônicas, quando demonstra seu respeito e admiração pela religiosidade, cultura e tradições ucranianas. A começar pela sua chegada a Ponta Grossa, no dia 16 de agosto de 1952, logo depois da sua nomeação, ele deu início às visitas pastorais. Ficou muito bem impressionado com a recepção do bispo daquela diocese e pelas autoridades civis e religiosas, bem como pelo clero, Irmãs, Catequistas de rito oriental e latino e por uma multidão de pessoas que se reuniram para lhe prestar homenagem. Esta calorosa manifestação demonstrava o contentamento dos fiéis da Igreja ucraniana com mais esta conquista. Ouvindo as palavras do Cardeal, o povo ucraniano pôde conhecer o motivo que levou o Papa Pio XII a nomeá-lo Ordinário para as Igrejas Orientais.

Em Prudentópolis, foi recebido com muitas homenagens e pôde admirar o quanto os ucranianos amavam a sua Igreja. Na ocasião fez também a Visita Canônica na Congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada e no Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus. Dali partiu para Pitanga, onde oficializou a fundação da nova Paróquia e nomeou o padre basiliano Irenarco Malanhak seu primeiro pároco. Terminado o ato de abertura da Paróquia, o Ilustre prelado proferiu importante homilia, na qual discorreu sobre o valor da espiritualidade no dia a dia dos fiéis ucranianos. Dentre outras coisas acentuou a existência de vários ritos na Igreja e o contínuo empenho da Sé romana para infundir maior respeito e zelo às diversidades

rituais existentes no mundo cristão. Falando diretamente aos fiéis católicos ucranianos, insistiu na preservação do rito, dos costumes, da língua e das próprias tradições que herdaram de seus antepassados.

Na Paróquia de Ivaí, o Cardeal após a recepção feita pelo povo e a saudação do padre Cristóforo Mechkiw, participou da celebração da Novena de Nossa Senhora e na sua homilia falou sobre a grande consideração da Sé Apostólica à diversidade ritual existente na Igreja. Incentivou o povo a amar o seu rito, acentuando a obrigatoriedade de cada fiel prestar culto a seu Deus da forma como a sua boa mãe lhe ensinou. Deixou claro que a Igreja, como acontece na parábola do Filho Pródigo (Lc 15,11-32), aceita e facilita o retorno dos cristãos católicos que por algum motivo abandonaram o rito. Convidou os cristãos ortodoxos, que devido à falta do seu próprio clero nestas terras, caso desejassem, poderiam unir-se à Igreja Católica. Salientou que não era necessário eles abandonarem a sua língua litúrgica, seus costumes, porque a Sé Apostólica não somente permite a diversidade de ritos, mas zela pela sua pureza.

Após ter visitado as comunidades ucranianas, na Carta Pastoral “Fé e União”, de 1953, Dom Jaime de Barros Câmara, expressa a sua satisfação: “Dias inesquecíveis e abençoados aqueles, em que percorremos vossas paróquias, nos Estados do Paraná e Santa Catarina, onde mais densamente estais radicados! Tivemos a oportunidade, não só de vos abençoar pessoalmente, mas sobretudo de vos conhecer mais de perto, auscultar vossas necessidades, tomar o vigoroso pulso de vossa profunda religiosidade, admirar o zelo por vezes heróico de vossos beneméritos sacerdotes e das excelentes religiosas, que com tanta dedicação labutam pelo vosso bem e prosperidade espiritual. Dias de consolação para nós, mas também – não duvidamos, - de bênçãos para vós, caríssimos filhos!” (Cartas Pastorais, Jaime de Barros Câmara, 1955, 410).

Anos mais tarde, o terceiro Vigário Geral dos ucranianos do Brasil, padre Valdomiro Haneiko dizia: “Dom Jaime foi um grande amigo dos ucranianos, sempre atento e verdadeiro defensor dos ritos orientais, dando verdadeiras lições aos latinos de como deveriam tratar e respeitar os orientais, que, para os mesmos, nada mais eram do que ritos meramente tolerados, esquecendo-se ou desconhecendo as preocupações constantes que a Santa Sé demonstrou em todos os séculos pela conservação dos mesmos na Igreja. Enfim, muito fez D. Jaime em favor dos orientais, seguindo a orientação dos Sumos Pontífices” (Uma Centelha de Luz, Pe. Valdomiro Haneiko, pág. 93).

Vicariato da Igreja Ucraniana

Desde 1896 até 1952, a Igreja greco-católica ucraniana no Brasil estava sob a jurisdição do bispo da diocese (1926 – Arquidiocese) de Curitiba, posteriormente também de Ponta Grossa e Jacarezinho, e das Prelazias de Palmas e Foz do Iguaçu, todas no Paraná. Em Santa Catarina, os fiéis ucranianos estavam sob a jurisdição do bispo da Diocese de Florianópolis (1927 - Arquidiocese), Joinville e Lages.

Segundo a estatística feita em 1952, os ucranianos no Brasil contabilizavam 10.569 famílias católicas e 1.347 ortodoxas. O número de fiéis ucranianos greco-católicos aumentava gradualmente, seja por meio do nascimento, seja por meio da continuada imigração. A Igreja greco-católica ucraniana contava com 7 sacerdotes diocesanos, 25 sacerdotes e 5 frades basilianos. As Instituições femininas de vida consagrada contavam com 150 Irmãs Servas de Maria Imaculada; 40 membros do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus e com as 26 Irmãs Catequistas de Sant’Ana. Foi consolante e bastante satisfatório o rápido progresso

principalmente das duas últimas Instituições, criadas uma década antes de ser feita essa estatística.

O fato de os ucranianos contarem com uma percentagem de fiéis superior aos demais ritos orientais presentes no Brasil e contando com a disposição de uma organização eclesial bem desenvolvida, favoreceu a criação de um Vicariato próprio o qual, sem demora, foi instituído por Dom Jaime de Barros, segundo as resoluções do decreto de ereção do Ordinariato.

Assim que no dia 24 de maio de 1952, o Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara nomeou o pároco de Mallet, padre Clemente Preima para desempenhar a função de Vigário Geral para os Greco-católicos ucranianos do Brasil, recebendo o título de Monsenhor (título dado aos patriarcas, arcebispos, bispos e pessoas ligadas ao serviço doméstico do papa).

Depois que o Vigário Geral, padre Clemente Preima, transferiu-se definitivamente para os Estados Unidos, para substituí-lo foi nomeado, através do decreto do dia 15 de outubro de 1962, o então pároco de Dorizon, padre Pedro Busko, o qual exerceu essa função até a sua morte, ocorrida dia 14 de julho de 1980. O padre Valdomiro Haneiko assume o vicariato no dia 23 de julho de 1980. Devido ao seu estado de saúde deixa o cargo em 1998. Através do decreto do dia 20 de julho de 1998, o padre Edson Luis Boiko é nomeado Vigário Geral e exerce o cargo até 2007, ano em que o Bispo Auxiliar da Eparquia São João Batista, Dom Meron Mazur, assume essa função e a exerce até hoje. Vale a pena lembrar que os Vigários Gerais acima citados exerceram com grande empenho e dedicação o trabalho a eles confiado, dando sua valiosa contribuição na direção da Eparquia. Em nenhum momento se detiveram perante a grande responsabilidade, mas foram audaciosos agentes eclesiais no modo como amparavam o trabalho dos bispos, agindo com determinação na derrubada de preconceitos, demonstrando nessa função o quanto amavam o seu rito, prestando o capital auxílio para o progresso da Igreja ucraniana do Brasil.

Seminário Eparquial de Mallet

Uma dentre as importantes conquistas do Vigário Geral, monsenhor Clemente Preima, foi a construção do Seminário Eparquial de Mallet. Padre Clemente colocou em ação um projeto já existente desde 1925, quando os padres Pedro Protskiv e Emiliano Ananevytch criaram a Fraternidade de São Cirilo e Metódio. Naquela época, os sacerdotes missionários não podiam pensar em grandes empreendimentos, pois a preocupação maior era a assistência espiritual e a elevação do nível cultural dos imigrantes ucranianos, que na sua maioria eram analfabetos. Diante da emergente necessidade da época, os sacerdotes diocesanos trataram em criar meios para facilitar a subsistência e a promoção do povo pobre. A preocupação maior era direcionar os jovens para uma acertada escolha vocacional, visto que estes poderiam posteriormente voltar para suas bases e ajudar os padres no serviço organizativo-pastoral. Os dois sacerdotes supracitados fundaram aquela Fraternidade na tentativa de semear as primeiras sementes vocacionais no meio da juventude, incentivando os meninos e meninas para o serviço na Igreja. Não havendo ainda um órgão formativo próprio, eles encaminhavam os jovens desejosos de seguir a carreira eclesiástica para seminários da Igreja latina, na esperança de eles retornarem posteriormente para o serviço pastoral junto ao povo ucraniano, já que os mesmos pertenciam ao rito oriental. A prova do sucesso da Fraternidade de São Cirilo e Metódio são os sacerdotes Pedro Busko, Clemente Preima, Metodio Koval, Flor Vodonis e outros que se formaram graças a esta organização. Diga-se de passagem, que os jovens enviados aos seminários latinos eram apadrinhados por essa Fraternidade.

A formação de novos sacerdotes diocesanos ganhou nova orientação quando o padre vigário Clemente Preima, contando com o auxílio econômico da Congregação para as Igrejas Orientais, representada pelo Cardeal Eugenio Tisserant, também com o apoio do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, em 1955 deu início à construção do Seminário Menor, com capacidade de acolher 50 seminaristas e alguns sacerdotes. Em 1957, mesmo inacabado, o estabelecimento começou a aceitar alguns pretendentes ao sacerdócio, jovens desejosos de se tornar sacerdotes ucranianos. O funcionamento do Seminário começou com poucos alunos, os quais eram formados por pessoas do próprio rito. Os sacerdotes diocesano sempre contaram com a ajuda das Irmãs Catequistas de Sant'Ana e das Servas de Maria Imaculada, as quais auxiliaram na administração da casa e assumiram o ensino de liturgia, doutrina cristã, língua e literatura ucranianas, cantos e o cultivo das tradições ucranianas, pois no período da manhã os seminaristas frequentam escolas públicas de ensino regular básico e médio.

Nas várias décadas de funcionamento ali se formaram e ainda continuam se formando novas gerações de sacerdotes. Naturalmente nem todos os jovens que passaram pelo Seminário tornaram-se sacerdotes, entretanto todos prestaram ou ainda prestam relevante serviço à etnia ucraniana no Brasil e são motivo de orgulho para a mesma.

Bispo Auxiliar.

Por longas décadas a Igreja ucraniana no Brasil esperava que a Santa Sé lhe designasse um Bispo e fosse criada uma hierarquia com atribuições próprias no atendimento de seus fiéis nestas terras de missão.

Finalmente, no dia 10 de maio de 1958, a Igreja greco-católica ucraniana do Brasil, recebeu a notícia da nomeação de seu primeiro Bispo, Dom José Romão Martenetz. Ele foi nomeado Bispo Auxiliar do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, Ordinário dos fiéis de ritos orientais no Brasil, com sede episcopal na cidade de Curitiba, Paraná.

Com a nomeação de Dom José Romão Martenetz iniciou-se uma nova fase na história da Igreja ucraniana no Brasil. Para a sua nomeação a Santa Sé levou em consideração o longo trabalho missionário-pastoral local, o crescimento da comunidade e os inúmeros relatórios favoráveis dos Visitadores apostólicos e de modo particular do seu primeiro Ordinário D. Jaime de Barros Câmara.

A sação episcopal de Dom José Martenetz deu-se na Igreja dos Santos Mártires Sergio e Bacco, em Roma, no 15 de agosto de 1958. Dias depois, o novo Bispo retorna ao Brasil, onde é recebido pelo Arcebispo de Curitiba, Dom Manuel d'Elboux, que o convidou para a celebração de sua primeira Divina Liturgia Pontifical na Catedral metropolitana de Curitiba. Naquela ocasião estavam presentes as principais autoridades civis e eclesíásticas e uma multidão de fiéis de ambos os ritos, vindos do Paraná e de Santa Catarina. No seu discurso proferido na ocasião, Dom Manuel discorreu sobre a importância da nomeação do primeiro bispo para a Igreja ucraniana no Brasil. E concluiu que a Santa Sé, com a criação do exarcado no Brasil, assegurou a unidade da Igreja na variedade dos ritos e fez um convite aos irmãos separados para voltarem à unidade com a Igreja de Roma.

Na sua primeira homilia proferida na Paróquia São Josafat de Prudentópolis, Dom José expôs, em traços gerais, os seus objetivos a serem priorizados no início de sua gestão. Seguindo as diretrizes da Sé Apostólica, exortou os fiéis a amar o seu rito e convidou-os a continuar unidos com a Igreja católica. Animou o povo dizendo que os ritos orientais existem desde os primeiros séculos da Era Cristã, pois foram deles que

vieram os grandes santos do Oriente: São Basílio, São João Crisóstomo, São Gregório Nazianzeno, São João Damasceno e tantos outros. Isso significa que tais ritos existem pela vontade de Deus, por isso devem ser valorizados, respeitados e mantidos íntegros também nas terras brasileiras. Destacou que a Sé Apostólica sempre valorizou a diversidade de ritos na Igreja católica, buscando incentivar a existência e o crescimento das Igrejas orientais, onde quer que elas se encontrem (Cf. Sua excelência Dom José visita Prudentópolis, Josafat Roga, Prácia 2, 1959, pág. 1-2).

Exarcado.

O trabalho de Dom José Martenetz deu grande impulso na organização e crescimento da Igreja Ucraniana em terras brasileiras o que propiciou inevitável criação do Exarcado Apostólico, anunciado no dia 30 de maio de 1962, por meio da bula *Qui Divino Concilio*, do Papa João XXIII. Para a função de Exarca foi designado o bispo auxiliar Dom José Martenetz. A partir de então, os católicos ucranianos deixaram de depender do Cardeal de Barros Câmara e passaram à jurisdição do Bispo Dom José, o qual se tornou Ordinário, isto é, detentor da plena jurisdição sobre a Igreja greco-católica ucraniana no Brasil. Sem intermediários, ele passa a tratar as questões eclesiais diretamente com a Sé Apostólica, mas como ainda não era erigida a eparquia com território próprio, tornou-se sufragânea da Arquidiocese de Curitiba.

Eparquia.

Passados dez anos da criação do Ordinariato para os fiéis de ritos orientais no Brasil, o contínuo crescimento das comunidades e instituições do Exarcado exigia uma estrutura eclesial correspondente à realidade da Igreja ucraniana no Brasil, visando a oportuna ereção da Eparquia. Foi o que realmente aconteceu ao 29 de novembro de 1971, quando o papa Paulo VI tornou pública a nomeação de Dom José Martenetz para primeiro Eparca da recém-erigida Eparquia São João Batista dos ucranianos do Brasil.

No dia 30 de julho de 1972, Dom José Romão Martenetz celebrou a solene Divina Liturgia, durante a qual foi lida a Bula *Eius Vicarius*, pela qual o Papa Paulo VI se dignou nomear o primeiro Eparca para os ucranianos no Brasil e também foi feita a leitura do decreto da execução da Bula, emanado no dia 29 de julho de 1972 pelo então Núncio Apostólico no Brasil, Umberto Mozzoni.

Juntamente com o anúncio da instituição da Eparquia Greco-católica ucraniana do Brasil, foi apresentada por meio da bula *Ut Curam Omnem* a nomeação do então Provincial dos Padres Basilianos do Brasil, padre Efraim Basílio Krevey, para Bispo Coadjutor da mesma Eparquia. O novo Bispo foi sagrado na Basílica de São Pedro, em Roma, pelo papa Paulo VI, no dia 13 de fevereiro de 1972. Desde o início do seu episcopado o bispo auxiliar destacou-se pela sua capacidade administrativa, dinamismo, e amor ao rito, à cultura e às milenares tradições ucranianas.

Segundo o próprio Bispo, Dom Efraim Krevey, a criação da Eparquia São João Batista “alegrou, despertou e renovou os fiéis, elevando o prestígio da nossa Igreja diante das autoridades eclesíásticas e civis do Brasil. Sem dúvida, foi um dos acontecimentos mais brilhantes e importantes na vida da comunidade ucraniana na Terra de Santa Cruz – Brasil” (100 anos dos ucranianos em Ivaí e um de seus filhos, Efraim Basílio KREVEY, pág. 136).

Religiosas Ucranianas.

Irmãs Servas de Maria Imaculada

Em 1911 chegaram da Ucrânia as primeiras sete religiosas (Irmãs Volodemera Pinhonzhek, Anatólia Bodnar, Sofia Ramatch, Eumélia Klapoushchak, Olga Lukatch, Helena Kutcher e Salomia Kovalychyn) pertencentes à Congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada. Desprovidas de recursos e contando apenas com a ajuda dos padres ucranianos e de alguns imigrantes,elastrataram logo de organizar suas habitações para facilitar o trabalho de catequese, ensino escolar, atendimento aos enfermos, criação e cuidado dos orfanatos, internatos e cuidados das igrejas, sem contudo fazer distinção de idiomaou de raça.

A história demonstra claramente com quanto empenho as Irmãs Servas de Maria Imaculada foram fundandocasas,administrando escolas e lecionando, sem contudo deixar de priorizaro trabalho de formação catequética das crianças e o ensino religioso-cultural dos jovens e adultos; de preocupar-se com a formação espiritual, cultural e social das pré-aspirantes e aspirantes à vida consagrada, além de organizar e conduzir grupos do Apostolado de Oração, Congregação Mariana, Cruzada Eucarística, clubes de leitura, etc. Dedicaram-se ao diligente cuidado pelas igrejas ucranianas, inclusive confeccionandoparamentos sacerdotais e litúrgicos. Auxiliavam os sacerdotes nas atividades pastorais e missionárias. Visitavam as famílias, os idosos, os enfermos e acompanhavam os sacerdotes nas celebrações em diversos lugares, prestando assistência material e espiritual aos necessitados.

A preocupação maior delassempre foi o auxílio nas funções religiosas, o cuidado das igrejas e o suprimento das mesmas com tudo que é necessário para as celebrações litúrgicas, porém não deixaram de dar ênfaseao desenvolvimento cultural das comunidades. Dentre inúmeros exemplos se pode citar a criação de Escolas de Profissões Domésticas, onde as Irmãs ensinavam corte e costura, arte culinária, bordado, desenho e pintura e outros artesanatos ucranianos.

Irmãs Catequistas de Sant'Ana

Toda a história das Irmãs Catequistas de Sant'Ana começou quando o Bispo da Filadélfia, Constantino Bohatchevskyi, seguindo a solicitação da Congregação para as Igrejas Orientais, chega aoBrasil na qualidade de Visitador Apostólico. O padre Emiliano Ananevytch, na época, prestava assistência pastoral na região de Mallet, sobretudo nas localidades de Dorizon, Fluviópolis, Vera Guarani, Carazinho, Paulo Frontin e Cruz Machado. Ele aproveitou apresença para apresentar ao Bispo visitante a ideia da fundação de uma associação de catequistas de vida consagrada, que se ocupassem com a catequese, ensino escolar, cuidado das igrejas e também auxiliassem os sacerdotes no atendimento ao povo ucraniano.

Após examinar os planos, o bispo Constantino Bohatchevskyi deu o seu consentimento, abençoando o novo empreendimento. Semdemora, padre Emiliano começou a sistematizar as habitações e reunir jovens para iniciar a nova fundação. Assim, no 24 de maio de 1932, sob os cuidados desse zeloso missionário e com a aprovação escrita do Bispo de Ponta Grossa, Dom Antonio Mazarroto, acabava de nascer a Congregação que levava o nome de “Terceira Ordem de São Francisco de Assis” de rito oriental. As dificuldades iniciais foram grandes, porém lentamente as vocações foram surgindo, a nova Congregação foi se estabilizando, criando novas casas, escolas, atendendo perfeitamente as necessidades da Igreja, tornando-se assim mais uma força na ação missionário-catequética e cultural ucraniana em terras brasileiras.

Deixa-se claro que esta Entidade religiosa inicialmente era apenas uma extensão da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas da cidade de Rodeio, Diocese de Joinville, Santa Catarina. De 1932 até 1945, a vida da nova Congregação era ordenada pelas constituições das Irmãs Catequistas Franciscanas. Havendo necessidade de mudar a denominação e caracterizá-la como Congregação de rito oriental, foi imprescindível fazer a reformulação das constituições, o que começou a ser feito em 1945 e terminou em 1956 com a aprovação do cardeal e Arcebispo Metropolitano de São Sebastião do Rio de Janeiro e ordinário dos Católicos de Ritos Orientais residentes no Brasil, D. Jaime de Barros Câmara. A partir daquela época, elas assumem um estilo propriamente eslavo, deixam de usar a veste franciscana e passam a usar uma veste de maior conotação oriental, passando a denominar-se “Congregação das Irmãs Catequistas de Sant'Ana”.

Com o decorrer do tempo, a Congregação cresceu e assumiu outras formas de ação: trabalho em hospitais, asilos, orfanatos, pastoral paroquial, auxílio nos seminários, etc. Também atenderam aos demais setores do apostolado, conforme as exigências e orientações emanadas pela Sé Apostólica ou elaboradas pela Eparquia greco-católica ucraniana do Brasil. Atendem hoje várias regiões do Brasil, e também, passaram a expandir o seu campo de missão em outros países, estabelecendo-se na Ucrânia, Roma e Estados Unidos, onde continuam prestando um exemplar serviço pastoral e administrativo.

Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus

O padre basiliano, Cristóforo Savenko Mechkiw, não perdendo de vista o progresso da Igreja greco-católica ucraniana no Brasil, animado pelos seus companheiros de Ordem e pelo bispo latino de Ponta Grossa, Dom Antonio Mazarotto, começou a incentivar a juventude para um contato mais aproximado com a Igreja ucraniana. Assim, já em dezembro de 1940, padre Cristóforo reuniu os membros da Congregação Mariana de Prudentópolis, dos quais ele mesmo era o diretor espiritual e pregou-lhes três dias de retiro, nesse ínterim ele conseguiu incentivar 12 jovens para fazerem duas semanas de curso aprofundado de pedagogia catequética, liturgia, língua ucraniana e canto litúrgico. Após o curso, todas prestaram um exame seguido do juramento de fidelidade à Igreja católica, recebendo diploma de Catequista, assinado pelo bispo Dom Antonio Mazarotto, o qual não se dispensava de elogiar publicamente iniciativas como esta, mais ainda, quando se tratava do enriquecimento das comunidades ucranianas, às quais respeitava e compreendia, porque amava todos os ritos católicos orientais existentes na sua diocese, por isso, prestou-lhes um enorme amparo.

Nas férias escolares do mês de janeiro de 1941, as doze recém-formadas catequistas foram enviadas em duplas para as colônias ucranianas, onde prestaram o auxílio pastoral necessário ensinando catequese e língua ucraniana para as crianças. Aproveitavam da oportunidade para reunir jovens e adultos para transmitir-lhes ensinamentos (liturgia, cantos, cuidados das igrejas, pintura, bordado, culinária), na tentativa de melhorar a vida diária dos colonos, despertando neles o espírito de pertença, corresponsabilidade e participação assídua e ativa na Igreja, dando com isso, um grande contributo na organização das comunidades ucranianas por onde passavam.

Atento a tudo isso, padre Cristóforo buscou soluções preparando jovens leigas para o ensino da catequese. Ele buscou colocar em ação a ideia de formar um grupo com uma estrutura canonicamente definida, que se autorregulasse por pessoas e normas próprias. Indo ao encontro das necessidades daquele tempo e espaço, foi inspirado a criar uma organização leiga, constituída por jovens idealistas, em particular, de mestras, que

não fossem obrigadas ao uso do hábito religioso e submeter-se às rigorosas normas monásticas, que pudessem entregar-se plenamente ao serviço da Igreja ucraniana, tanto nas cidades, bem como nos mais distantes recantos, habitados pelo povo ucraniano; jovens sem medo de ir aos piores lugares, e lá enfrentarem os mais árduos trabalhos pastorais, se isso fosse de interesse e para o bem da Igreja ucraniana.

Lentamente os seus planos estavam caminhando para a realização, isso porque o padre Cristóforo percebeu que as irmãs Antonia e Nadia Schulhan, assíduas frequentadoras da Igreja, estavam dispostas a consagrar-se ao serviço da Igreja ucraniana. Não demorou muito tempo para ele atraísse outras três promissoras jovens: Ana Bardal, Valdomira Saievicz e Maria Kolitski, as quais também se predispuseram a assumir definitivamente esse estado de vida, e dar início ao novo Instituto que ele tanto ambicionava criar. Sem muita delonga, padre Cristóforo convidou algumas jovens para um retiro de oito dias na localidade de Tijuco Preto, município de Prudentópolis, onde nasceu o Instituto Secular de vida consagrada, algo novo nas Igrejas orientais. Padre Cristóforo fundamentou-se numa associação leiga latina, chamada de “Apóstolos de Cristo”, já existente na República Tcheca, criada por um dos seus colegas, em 1937. Ele sabia que uma organização eclesial, distinta pela sua característica laical, possuía mais liberdade de acesso a lugares onde os sacerdotes sentiam dificuldades de atender. Padre Cristóforo acabou denominando a sua nova fundação de “Apóstolas do Coração de Jesus”, que em 1950, após a Sé Apostólica oficialmente aprovar as suas Constituições, passou a chamar-se de “Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus”.

Com o passar do tempo, o Instituto foi se aperfeiçoando, assumindo a sua característica particular, seguindo sempre as diretrizes do seu fundador. Padre Cristóforo passou a maior parte de sua vida à procura de meios para tornar viável a sua missão, criando novas estruturas, novas maneiras para promover a Igreja greco-católica ucraniana tanto em seu território de origem, quanto nas terras brasileiras, onde ele marcou definitivamente a sua presença.

Irmãs de São José

Aos 29 de maio de 1969, as Irmãs de São José (Congregação fundada pelo padre Cirilo Seleski em 1898, na região de Lviv, Ucrânia) até então atuantes na Ucrânia, Polônia e Canadá, procuraram expandir ainda mais seu trabalho missionário, por isso, escolheram as comunidades ucranianas do Brasil para atingir a sua finalidade. Nas terras brasileiras, elas se fixaram primeiramente na Linha Vitória, município de Cruz Machado, onde deram início ao apostolado que lhes era característico. Essa Congregação tinha pleno consenso e a bênção do Exarca Dom José Romão Martenetz para exercer tranquilamente o seu trabalho missionário-pastoral em terras brasileiras. Por isso, segundo os desígnios do bispo, elas estabeleceram nas comunidades onde havia maior necessidade do seu trabalho junto ao povo mais necessitado.

Essa Congregação se adaptou facilmente às exigências pastorais nas terras brasileiras, pois, já nas suas origens, a Congregação tem por finalidade específica ministrar o catecismo, visitar e atender os pobres e enfermos, trabalhar nos hospitais, asilos, orfanatos, escolas, dirigir associações infantis e zelar pelo culto litúrgico. Por isso, foi expandindo o seu espaço pastoral, passando a atuar em vários municípios do Paraná, onde atualmente exercem um grande apostolado junto ao povo ucraniano, prestam um exemplar serviço em hospitais, postos de saúde e escolas, dando prova da certeza de que foi válido abrir seus horizontes para mais um promissor campo de missão.

Irmãs Basilianas

Encorajadas pelo Arcebispo Maior da Igreja greco-católica ucraniana, Dom José Slipei e com a solicitação e colaboração da Hierarquia eclesiástica da Igreja greco-católica ucraniana do Brasil, as Irmãs Basilianas se transferiram para o trabalho missionário entre os fiéis ucranianos do Brasil. Primeiramente, no dia 12 de dezembro de 1972, veio a Irmã Eusébia Bilas, da Província da Filadélfia dos Estados Unidos, mais tarde vieram as Irmãs Ana Zapaia e Estefânia Kostaske da Província da Argentina. As três se fixaram em Canoinhas, Santa Catarina. Já de início se dedicaram ao ensino catequético, cantos litúrgicos e da língua ucraniana. Posteriormente, em Canoinhas, fundaram um internato para meninas e um Jardim de Infância. Infelizmente no mês de janeiro de 1973 morre repentinamente a Irmã Eusébia Bilas. As duas Irmãs que restaram não abandonaram o trabalho iniciado. Veio transferida da Argentina para o Brasil a Irmã Claudia Barsczuk. Mais tarde, para fortalecer a missão iniciada, veio a Irmã Miquelina Baida, da Província da Filadélfia. Assim como as demais Congregações ou o Instituto das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus, elas criaram as suas casas de formação, formaram novos membros, marcaram a sua presença ativa e permanente em meio aos imigrantes ucranianos e seus descendentes, organizando as comunidades eclesiais, promovendo cultos dominicais, elevando a cultura e a religiosidade do povo. Exerçeram particular apostolado através de visitas às famílias ucranianas e acompanhamento permanente aos enfermos.

As Irmãs Basilianas sempre tiveram como princípio básico, a santificação própria através da observância dos Conselhos Evangélicos, seguindo as regras de São Basílio e as Constituições próprias. Procuraram meios adequados para suprir as necessidades de expansão do trabalho missionário em terras brasileiras, habituando-se às diversas exigências pastorais emergentes no seu tempo, procurando com grande constância resgatar e manter o povo ucraniano estreitamente ligado ao seu rito. A Congregação das Irmãs Basilianas caracteriza-se pela dedicação à liturgia, ao ofício divino e à vida contemplativa, dando sua valiosa e imprescindível colaboração na formação espiritual das crianças, dos jovens e dos adultos.

Situação da Eparquia de São João Batista - Anuário Católico do Brasil - 2012.

Fundação - Exarcado: 30.05.1962 e Eparquia: 29.11.1971.

População: 300.000 fiéis.

Paróquias: 26

Presbíteros: 79, diocesanos 22, religiosos 57.

Diáconos: 02

Congregações Religiosas Masculinas: 1 casas 13, religiosos 78.

Congregações Religiosas Femininas: 04, casas 52, religiosas 313.

Exarca e Eparcas.

Dom José Romano Martenetz.

A 10 de maio de 1958, o Papa Pio XII nomeou Dom José Romano Martenetz, Basiliano, Bispo Auxiliar do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara.

Dom Martenetz nasceu na Ucrânia, a 07 de fevereiro de 1903, em Lviv. Com 09 anos, em 1912 veio para o Brasil, indo morar em Prudentópolis. Estudou no Colégio das Irmãs Servas da Imaculada. Aos 11 anos, a 14 de janeiro de 1914, ingressou no

Seminário São José de Curitiba, onde concluiu o curso fundamental e o segundo grau, assim como a filosofia. Em 1923, volta a Ucrânia, onde entra na Ordem Basiliiana. Em 1927 vai a Roma para concluir os estudos teológicos na Universidade Gregoriana.

Ordena-se sacerdote, a 1º de janeiro de 1928. Retornando para o Brasil vai para Prudentópolis, onde auxilia o padre Josafat Roga na fundação do Seminário Menor dos Padres Basilianos, lecionando no mesmo, acumulando o cargo de redator do jornal “Pracia”.

Auxiliou também o Padre Cristóforo Savenko Meschkiv na fundação do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus.

Em 1948, é eleito Superior Provincial dos Padres Basilianos do Brasil, em 1953, é escolhido conselheiro Geral da Ordem e Reitor do Pontifício Colégio São Josafat.

Bispo Auxiliar do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, a 10 de maio de 1958, ordenando-se em Roma, a 15 de agosto seguinte.

Exarca a 30 de Maio de 1962 e Eparca a 29 de novembro de 1971.

Morte - Depois de longa enfermidade com derrame, deixando-o paralisado e sem voz, morreu a 23 de fevereiro de 1989, aceitando plenamente a vontade de Deus, sem se queixar.

Avaliação - Foi um Bispo sábio, grande pensador, historiador, profundo conhecedor de línguas: ucraniana, portuguesa, polonesa, russa, italiana, alemã, grega e hebraica, sobretudo humilde e santo.

Dom Efraim Basílio Krevey.

Foi o segundo Eparca Ucraniano.

Nascido a 12 de dezembro de 1928, em Ivaí, Paraná, fez o curso fundamental, iniciado em sua terra, continuando no Seminário São Josafat em Prudentópolis, filosofia em Iracema, Santa Catarina e teologia em Roma, na Universidade Gregoriana.

Ordenação –Foi ordenado, a 12 dezembro de 1951 em Roma como sacerdote basiliano.

Ministérios - Exerceu os Ministérios de vigário paroquial, professor de seminário, superior dos Basilianos em Prudentópolis, pároco, orientador das Irmãs Servas de Maria Imaculada e das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus, Reitor do Seminário Maior em Curitiba e em 1970 escolhido Provincial dos Padres Basilianos, no Brasil.

A 29 de novembro de 1971, foi nomeado Coadjutor de Dom Martenetz, ordenado em Roma pelo Papa João Paulo II, a 13 de fevereiro de 1972. Foi promovido Eparca, a 10 de março de 1978. Renunciou, a 13 de dezembro de 2006.

Faleceu, a 03 de fevereiro de 2012.

Avaliação - Dom Efraim foi muito dinâmico. Construiu o grande centro de esportes “Poltava” em Curitiba, muitas igrejas e capelas de alvenaria, ajudou a construir muitas casas das Irmãs. Empreendeu muitas viagens à Ucrânia, Roma, Estados Unidos, Canadá. Aceitou com muita resignação a enfermidade, morrendo serena e santamente.

Durante os 35 anos de seu episcopado, Dom Efraim, seguindo a linha do seu predecessor, tornou-se um colecionador de inumeráveis conquistas para a comunidade católico-ucraniana no Brasil. A constante busca pelo *modus vivendi* com o clero ortodoxo-ucraniano e a gradual reciprocidade com a Igreja latina, também, as suas incansáveis visitas pastorais fizeram de Dom Efraim, um profundo conhecedor da situação em que se encontrava a Igreja greco-católica ucraniana no Brasil. Com ascertadastomadas de decisões, ele deu continuidade ao trabalho de seu antecessor.

No seu livro intitulado: “100 anos dos ucranianos em Ivaí e um de seus filhos”, ele transmitiu tudo aquilo que ele mesmo buscou ser durante três décadas e meia de governo episcopal. Revelou claramente a fonte de toda a sua inspiração e labuta em prol dos ucranianos do Brasil, quando disse: “Instalando-me na sede da Eparquia, tomei a inflexível decisão de exercer todas as atividades planejadas em comum acordo com o Bispo Eparca Dom José, com o seu conhecimento e consentimento. Portanto, devo exercer meu chamado e pastoreio primeiramente em prol do meu Israel, como se expressava o grande poeta Ivan Frankó, e em nossas conversas reservadas repetia Dom José Martenetz. Jamais ser demasiadamente formalista, legalista e protocolista, mas sempre um servo pronto a servir” (100 anos dos ucranianos em Ivaí e um de seus filhos, Efraim Basílio KREVEY, pág. 131).

Durante o exercício episcopal, incentivou as práticas religiosas próprias das comunidades ucranianas. Durante sua gestão o número de associados do Apostolado da Oração foi ampliando para mais de 25 mil membros; organizou Grupos de Jovens, a Congregação Mariana, assim como a Cruzada Eucarística, marcando assídua presença no meio desses grupos, dando-lhes valioso apoio e instruções, motivando os dirigentes e associados para um trabalho cada vez mais inserido na comunidade eclesial e atendendo e valorizando as pessoas individualmente. Fez questão de criar várias Comissões Eparquiais, envolvendo todas as áreas da pastoral existentes no interno da Igreja ucraniana. Ele mesmo confirma isso quando diz: “Para conhecimento mútuo e multilateral das questões, exigências, problemas, necessidades e iniciativas dentro da Eparquia, e para um trabalho mais eficiente, foi decidido realizar anualmente a Assembléia Eparquial do Clero, a Reunião de Párcos e Administradores, e ao menos três ou quatro vezes ao ano a Reunião do Conselho Presbiteral. Além disto, e com o mesmo objetivo, também foram criadas as seguintes Comissões Eparquiais: Litúrgica, Catequética, Vocacional, da Juventude, da Família Ucraniana e do Apostolado da Oração. Cada uma delas tem sua própria Diretoria, internamente eleita e confirmada pelo Eparca. Seu importante trabalho é executado com grande eficiência” (100 anos dos ucranianos em Ivaí e um de seus filhos, Efraim Basílio KREVEY, pág. 136).

Dom Volodemer Koubetch - Eparca

A 11 de dezembro 2003, o Papa João Paulo II, nomeou o Padre Volodemer Koubetch, Bispo Coadjutor da Eparquia de São João Batista dos Ucranianos Católicos do Brasil, sendo seu Eparca Dom Efraim Basílio Krevey.

Nascido a 27 de março de 1953, em Mandaguaçu, Arquidiocese de Maringá, sendo batizado por Frei Eugênio Nichele, Capuchinho.

Fez seus estudos nos seminários basilianos de Prudentópolis, de Curitiba e Teologia no Pontifício Ateneu de Santo Anselmo em Roma e o Mestrado em Teologia Moral na Faculdade de Nossa Senhora da Assunção em São Paulo.

Dia 14 de março de 2001, dia de São Benedito, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, defendeu sua tese de doutorado intitulada “Espírito e salvação em Paul Evdokimov”.

Foi ordenado sacerdote, a 06 de dezembro de 1981. Exerceu o ministério, como vigário paroquial, párcoco, formador e professor de seminaristas, reitor do Seminário Menor de Prudentópolis, do Studium Theologicum dos Padres Basilianos em Curitiba.

Ordenação Episcopal - O Papa João Paulo II o nomeou Bispo coadjutor da Eparquia de São João Batista, a 10 de dezembro de 2003. Sua ordenação foi no dia 21 de março de 2004, pelo Arcebispo Maior dos Ucranianos, de Kêiv-Halicz, Cardeal

Lubomir Husar, coordenantes principais Dom Pedro Fedalto e Dom Efraim Basílio Krevey.

Tomou posse como Eparca, a 13 de dezembro de 2006.

Dom Meron Mazur - Bispo Auxiliar

No dia 21 de dezembro de 2005, o Papa Bento XVI nomeou Bispo Auxiliar da Eparquia de São João Batista dos Ucrânicos em Curitiba.

Dom Meron nasceu em Prudentópolis, a 05 de fevereiro de 1962. Estudou nos seminários da Ordem dos Padres Basilianos em Prudentópolis e Curitiba, cursou Teologia no Pontifício Ateneu de Santo Anselmo em Roma. Obteve o bacharelado e o mestrado em Ciências da Educação. A 1º de janeiro de 1988, fez a Profissão Perpétua na Ordem de São Basílio Magno, do Rito Oriental Bizantino Ucrânico.

Foi ordenado presbítero, a 08 de setembro de 1990.

Desempenhou os seguintes cargos: Professor do Studium da Ordem de São Basílio Magno em Curitiba; formador dos seminaristas basilianos e diocesanos de 1999-2005; reitor do Seminário Maior dos Padres Basilianos em Curitiba, coadjutor da Paróquia “Nossa Senhora Auxiliadora”, em Curitiba, e diretor espiritual de algumas Congregações Religiosas femininas ucranianas; provincial da Província de São José dos Padres Basilianos no Brasil de agosto de 2004 até 2005.

Foi ordenado Bispo pelo Arcebispo Maior dos Ucrânicos, de Kêiv-Halicz, Cardeal Lubomir Husar, a 26 de fevereiro de 2006, na matriz de São Josafat, em Prudentópolis.

Reside em Curitiba.

Dom Daniel Kozlinski - Bispo Auxiliar da Eparquia São João Batista.

Dom Daniel Kozlinski nasceu na Colônia Alto Paraíso, Bom Sucesso, Estado do Paraná, aos 18 dias do mês de fevereiro de 1952. Filho de Pedro Kozlinski e Rosa Lídia Masurkiewicz. Foi batizado e crismado na igreja Nossa Senhora do Patrocínio, Colônia Alto Paraíso. Cursou os estudos primários em Alto Paraíso, continuou em Pato Branco - cidade próxima da Colônia Alto Paraíso. Ingressou no Seminário Diocesano São José em Ponta Grossa em 1965, onde realizou os estudos ginasial e científico. Em 1972, definitivamente passou a fazer parte da Eparquia São João Batista, ingressando no Seminário São Josafat em Mallet e posteriormente frequentando os estudos filosóficos, no Studium OSBM dos Padres Basilianos, em Curitiba.

Em setembro de 1972 em Roma, Itália, iniciou seus estudos de teologia. Em 1976, retornou ao Brasil e reiniciou seus estudos de teologia em 1977, no Studium Theologicum dos Padres Claretianos, em Curitiba.

Em 12 de novembro de 1979 recebeu as Ordens Menores, na Catedral de São João Batista em Curitiba, foi ordenado diácono em 21 de novembro de 1979, na matriz Sagrado Coração de Jesus na cidade de Marechal Mallet. Foi ordenado sacerdote, pelo bispo Dom Efraim Basílio Krevey, OSBM, no dia 10 de fevereiro de 1980, na igreja Nossa Senhora do Patrocínio, em Colônia Alto Paraíso.

Exerceu os seguintes serviços pastorais:

- Coadjutor na Paróquia da Catedral da Eparquia São João Batista em Curitiba no ano de 1980.

- Pároco da Paróquia Sagrado Coração de Jesus e Reitor do Seminário Menor São Josafat, em Marechal Mallet entre os anos de 1983 a 1996.

- Reitor do Seminário Maior São Josafat, em Curitiba entre os anos de 1986 a 1990.
- Pároco da Catedral São João Batista, em Curitiba entre os anos de 1995 a 2003.
- Entre 2003 e 2006 transferiu-se para Roma onde fez mestrado em Pastoral Juvenil e Catequética na Pontifícia Universidade Salesiana.
- Pároco substituto em Marechal Mallet entre os anos de 2006 a 2007.
- Foi Bispo Auxiliar e responsável no regional sul da Eparquia São João Batista, com sede em União da Vitória, atendendo as seguintes paróquias: União da Vitória, Rio das Antas, Iracema, Paulo Frontin, Dorizon, Mallet, Irati, Canoinhas e Pato Branco.
- Atualmente é Visitador Apostólico e Administrador da Eparquia Patrocínio Nossa Senhora - em Buenos Aires, Argentina.